
SER” OU “NÃO-SER” HOMOSSEXUAL? EIS A QUESTÃO - O HOMOEROTISMO NO BRASIL

Alfrancio Ferreira Dias¹

RESUMO

Este artigo pretende, a partir de uma pesquisa bibliográfica, discutir as relações sociais do homoerotismo no Brasil, de maneira a apresentar a profunda reforma nos costumes que tem modificado as consciências e remodelado as relações interpessoais, fazendo emergir um novo conjunto, um novo modelo social e sexual, que se mescla explicitamente, fazendo uma comparação entre o “ser” no sentido de viver o homossexualismo e o “não-ser”, que centraliza-se na não aceitação do indivíduo homossexual. Outro aspecto relevante é que podemos considerar a homossexualidade tanto como um dado da linguagem, natural ou psicológico, citando a importância da tentativa de procurar buscar aquilo que a linguagem costuma suprimir entre os princípios do “sou homossexual” (fardo ou orgulho imposto ao sujeito pelo destino) e do “estou homossexual” (condição opcional, assumida por escolha própria). Vários foram os caminhos trilhados na construção de uma identidade homoerótica, tornando-se necessário para isso aprender a viver e a dimensionar sua vida em toda sua complexidade.

INTRODUÇÃO

A história revolucionou, num período recente, o conceito do que hoje se chama homoerotismo, porém, esta divisão que quadriculou os prazeres do corpo durante séculos, viabilizou a modificação da cultura popular e a possível aceitação universal da identidade sexual dos indivíduos, partindo de novas abordagens no campo da educação, principalmente, quanto às relações de gênero, introduzindo uma profunda reforma nos costumes, modificando as consciências e remodelando as relações interpessoais, e acima de tudo, fazendo emergir um novo conjunto, um novo modelo social e sexual, onde suas partes se mesclam explicitamente.

Contudo, o “ser” no sentido de nascer, crescer, sentir e viver o homossexualismo, perpassando principalmente, pelos questionamentos referentes aos comportamentos

¹ Mestrando em Educação na Área de Inovação Pedagógica pela UMA – Universidade da Madeira.

individuais dos seres humanos na tentativa de racionalizar-se buscando novos valores diverge com o “não-ser”, que centraliza-se na não aceitação do indivíduo. Esse “ser” ainda sofre com o preconceito das pessoas, é, por muitos, considerado diferente dos outros no processo de desenvolvimento e do trabalho, sendo desprivilegiado por isso, e principalmente no espaço familiar e nas relações sociais com outros indivíduos.

Incompreendidos pelos grupos supostamente “normais” da sociedade capitalista, onde se imagina que a partir da definição sexual pública, todas as pessoas sentem-se no direito de emitir opiniões e comentários – apesar do conceito de privacidade que é inerente a esta sociedade – levando para um momento de fusão entre a individualidade homossexual e o homossexualismo público, ou em um momento de coincidência entre vida pública e particular, criando definições com uma enorme distância do homoerotismo que as pessoas veem para o que de fato se vivência no particular, ou seja, entre o ser e o “ser” homossexual. Com isso define-se o seguinte paradoxo: o homoerotismo é um tema sobre o qual os homossexuais não deixam de ser interrogados mesmo depois de já terem respondido a todas as possíveis perguntas. Assim, trata-se não apenas de descrever o homoerotismo através dos tempos, mas também, refletir sobre o que é o homoerotismo. Uma cultura? Um problema? Uma coisa ou simplesmente relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo? Será que acaba nisso? Acabou a relação, acabou-se o homossexual?

Este artigo pretende discutir as causas e os porquês do homoerotismo. Questões que ao decorrer da história têm obstinado cientistas e psicólogos na tentativa de buscar a origem do homoerotismo, que aqui serão abordadas não como irrelevantes, mas como um fato consumado, sem a necessidade de justificar as causas. Claro que se pode, antes de tudo, ter como exemplos as vivências das pessoas como fato evidente da realidade. Contudo, não se pode negar o fato de que na última década do século XX, as ciências estudam com intensidade o homoerotismo, reacendendo a teoria da homossexualidade congênita, herdada por diferenciação cromossômica. O homoerotismo seria então uma marca genética, como ter cabelos loiros, ser alto ou baixo. E com isso a bissexualidade não poderia existir, pois o ser humano estaria pré-destinado a ser homossexual ou heterossexual. Mas para

quebrar essa teoria, percebem-se homossexuais não assumidos que conseguiram e vêm conseguindo tapear a sociedade, não demonstrando sua vocação, que, para os estudiosos, seria genética, vivendo socialmente como heterossexuais no decorrer dos séculos e para (TREVISAN, 2004, p. 34), *“como não há um consenso sequer entre os cientistas, por enquanto a proposta de determinação genética restringe-se ao campo da mera especulação”*.

No extremo oposto, também a abordagem culturalista apresenta fendas, quando privilegia a ideia de uma “opção sexual”. Alguém escolhe seu próprio destino? Talvez perifericamente, mas não até o ponto de determinar se sentirá atração definitiva pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo. Assim, não creio que 99% das pessoas que se sentem como homossexuais poderiam dizer que fizeram uma opção. Ao contrário, sentiram-se levadas por uma tendência interior. (TREVISAN, 2004, p. 34).

Podemos considerar o homoerotismo como um dado da linguagem ou considerá-la como um dado natural ou psicológico. Claro que seria interessante que essa tentativa procurasse buscar aquilo que a linguagem costumava suprimir entre os princípios do “sou homossexual” (fardo ou orgulho imposto ao sujeito pelo destino) e do “estou homossexual” (condição opcional e transitória, assumida por escolha própria), há várias escalas de trajetórias percorridas na história na construção de uma identidade. Enfim, o “tornar-se homossexual” que não se poderá aprender num simples golpe de linguagem, no caso seria um “estou ficando homossexual” e que certamente se articula e se desenvolve por meio de vários discursos (PORTINARI, 1989).

Os antropólogos Fry e Macrae (1983) descrevem o homossexualismo com uma variação sobre o mesmo assunto, o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo, podendo ser uma coisa na Grécia, outra na Europa, outra coisa entre os índios. No Brasil, seguindo o mesmo raciocínio, pode ser uma coisa para um trabalhador rural do Nordeste, outra coisa para os políticos. De fato, tantas coisas quanto os seguimentos sociais da sociedade brasileira contemporânea.

Para Foucault:

A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 1985, p. 44)

Em seu livro *História da homossexualidade*, Foucault propõe pensar a sexualidade não como um dado evidente e escamoteado, mas justamente como uma ideia que se constrói e que se reforça através de uma suposta escamoteação. Assim, falar de sexualidade implicaria afastar-se de um esquema de pensamento que era então decorrente do fazer da sexualidade, suas manifestações, formas historicamente singulares, porque sofre o efeito dos mecanismos diversos de repressão a que se coloca exposta em toda sociedade, o que equivale a colocar fora do campo histórico o desejo e o sujeito do desejo e a fazer com que a forma geral da interdição dê contas do que pode haver de histórico na sexualidade.

A sexualidade pode ser falada também como uma experiência histórica, desde que para isso pudesse dispor de instrumentos suscetíveis de analisar, em seu próprio caráter e em suas correlações, os três eixos que a constituem: a formação dos saberes que a ela se refere, os sistemas de poder que regulam sua prática e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade.

Segundo Trevisan (2004), os gregos assemelham a sexualidade com a “carne”, uma noção que se refere à maneira de se agrupar, como sendo da mesma natureza, derivando de uma mesma origem ou fazendo intervir o mesmo tipo de causalidade, fenômenos diversos e aparentemente afastados uns dos outros: comportamentos como também sensações, imagens, desejos, instintos e paixões. É evidente que os gregos dispõem de uma série de palavras para designar diferentes gestos ou atos que nós chamamos, hoje, de sexuais.

Nesta perspectiva, estereótipo e preconceito estabelecem correlação, pois é difícil pensar um sem o outro. O estereótipo origina-se de algum tipo de preconceito, que por sua vez, utiliza o estereótipo para se justificar. Isso parece um problema dos grupos marginalizados, afinal, são eles as maiores vítimas dessa culpa. Entretanto, investigando-se mais profundamente pode-se perceber que também atinge os grupos reconhecidos

socialmente como majoritários. Logo, se um preconceito determina e se alimenta de um estereótipo contra um grupo marginalizado, este precisa ser caracterizado o mais diferentemente possível do padrão consagrado na sociedade. Dessa forma, as regras sociais referentes àquele padrão cristalizam e endurecem, para que o grupo estabelecido identifique quem pertence a quem.

Ora, esse endurecimento é, no limite, um novo estereótipo que ao torná-los marginalizados, os grupos estabelecidos criam um contra-estereótipo que se volta contra eles e os aprisiona, obriga-os a seguir uma norma e impede que vivam outras realidades e ampliem seus horizontes. Há também uma espécie de contra-preconceito, uma vez que, entre os próprios grupos estabelecidos, instala-se um policiamento que tenta combater qualquer “desvio”. Enfim, temos um papel restrito quanto aos grupos marginalizados, seja porque assimilam o preconceito contra si, seja porque as barreiras sociais lhes detêm.

Com a ampliação da Contra-Reforma católica em Portugal, que possuía um conceito severo de religiosidade, tal conceito passou a ser utilizado também no Brasil Colônia, após a doação das Capitanias de Pernambuco e de São Vicente por D. João III, terras recém descobertas do Brasil. Contudo, tanto Duarte Coelho como Martin Afonso de Souza, nomeados por D. João III como responsáveis por estas terras, receberam orientações sobre a maneira de como administrar a justiça nessas partes da nova colônia. Estas orientações ressaltavam punições para crimes como: heresia, traição, sodomia e falsificação de moeda, uma vez que os primeiros colonizadores portugueses atirados na América eram assassinos, ladrões, judeus foragidos e gente considerada devassa por cometer libertinagem, bestialidade, proxenetismo e sodomia. Com isso, o Brasil se tornou um foco de libertinagem e promiscuidade do Reino, atraindo aventureiros e traficantes interessados pela riqueza fácil, e principalmente, pelas índias nuas e outras delícias tropicais.

Mesmo no Brasil colonial, era ideia corrente que se tratava de um “costume italiano”, em sua confissão ao Imperador na Bahia em 1618, o jovem Duarte Fernandes acusou um primo irmão de tê-lo sodomizado, dando como justificativa que *“o cúmplice andou por Itália de onde devia trazer o dito vício”*. Inclusive, que a numerosa colônia italiana

de Lisboa teria sido em parte responsável pela disseminação, entre os portugueses, do amor sacrático (termo usado por eles para descrever práticas homossexuais). Neste contexto, no Brasil, sabe-se da existência de muitos sodomitas portugueses, alguns dos quais chegaram a ser interrogados pela Inquisição na Colônia. Cita-se, como fatores favoráveis à disseminação da prática homossexual, o fato de que, nos séculos XV e XVI, os soldados portugueses participavam de longas travessias marítimas, entrando em contato e sofrendo influências dos países orientais.

Em 1978, aparecia então o número zero do Jornal *Lampião*, fato que escandalizou os pudicos de esquerda e de direita brasileiros, acostumados ao recato, acima de tudo. Com sua redação instalada no Rio de Janeiro, mas mantendo uma equipe editorial em São Paulo, o jornal vinha significar uma ruptura, onde onze homens maduros, muito conhecidos e respeitados intelectualmente, integram-se num projeto onde os temas eram considerados secundários como: sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, machismo, tendo como linguagem empregada, a mesma linguagem desmunhecada do gueto homossexual. Além de publicar roteiros de locais *gay* nas principais cidades do país, nele começaram a ser empregadas palavras proibidas ao vocabulário bem-pensante (como veado e bicha).

Em São Paulo, também se iniciava, nos primeiros meses de 1978, reuniões com homossexuais interessados em organizar discussões e atividades liberacionistas, composto de jovens atores, profissionais liberais e estudantes, o Movimento de Libertação Homossexual no Brasil, começando a desenvolver grupos de militantes, que procuravam acentuar diferenças, e principalmente sua identidade. Tal movimento fez parte de uma vã tentativa de se abrir para o mundo, com o abrandamento editorial brasileiro, começou a aflorar-se entre nós um novo movimento de cosmopolitização (TREVISAN, 2004).

Com o abrandamento, a partir de 1975, tendo João Silvério Trevisan, como responsável pela fundação do Movimento, afirmou que *“já fui atacado inúmeras vezes, pelo simples fato de ocupar o “trono” do pai. Isso, por ser considerado pai do Movimento de Libertação Homossexual Brasileiro”*. (TREVISAN, 2004, p. 206). Mas percebe-se que a própria

comunidade se torna facilmente refém de suas lideranças, que galgam as escadas do poder a qualquer custo, inclusive mentindo, manipulando, se digladiando e puxando o tapete uns dos outros, principalmente dentro do movimento.

Em 1980, aconteceu o I Encontro Brasileiro de Grupos Homossexuais Organizados, no mês de abril reunindo-se jovens representantes de todo Brasil no Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina da USP. No decorrer do encontro debateram vários temas, o que fez com que seu objetivo não fosse alcançado, pois o que pensavam ser um espaço para trocas de experiências e solidariedade transformou-se em um lugar de competição, rivalidade e busca pelo poder, o que fez com que começasse a vir abaixo a procura de um espaço próprio para o Movimento Homossexual Brasileiro, que parecia correr o risco de ver suas especificidades diluídas dentro de propostas político-partidárias (TREVISAN, 2004).

Na tentativa de construir a homossexualidade a psiquiatria na década de 1930 desenvolve através de um grupo de psiquiatras e endocrinologistas brasileiros tratamentos hormonais, para tentar corrigir experimentalmente o desvio homossexual humano. Outro exemplo foi o internato no Manicômio Judiciário em 50 anos do Índio Febrônio por desvio moral, resultante de mau funcionamento glandular. Nessa perspectiva, a expressão literária ao decorrer do século XX, também se desenvolveu tendo como exemplos Olavo Bilac e João do Rio, escarnecidos como homossexuais em charges de Seth, publicadas em *O Gato* em 1911; Fotografias que demonstram a homossexualidade de artistas foram publicadas, fazendo com que o escritor Mário de Andrade, em 1932, e o poeta Roberto Piva, em 1971, sentissem-se incomodados por boatos e zombarias em torno de sua homossexualidade.

A arte fotográfica descreve-se no decorrer do século através de exemplos como o de Thales Pan Chacon e João Maurício, em foto de Djalma Limongi Batista, da exposição *Thales e João*, em 1979, pioneira em nus masculinos com abordagem homoerótica; Discóbolo Grego da exposição fotográfica *Corpus*, de Luiz Prado, ilustrando a peça *O Banquete* em 1977, baseado em Platão; Geraldo Valério revelado na exposição *Novíssimos* 95 cria um beijo nos pés tão transgressor que arranha a superfície da foto em 1975; o baiano

Paulo Roberto Ferreira esbanja morenidade em um ensaio de Alicia Monamour em 1993; um olhar não estereotipado sobre o homoerotismo feminino na foto de Evelyn Ruman em 1995, e principalmente a revista G Magazine, que durante sete anos publicou 100 edições, sendo a primeira no Brasil a fotografar o nudismo masculino com ereção, e com isso passou a ser pioneira nesta categoria, levando além de corpos maravilhosos, matérias incríveis, escritas por colunistas e escritores que se dedicam a este trabalho. A G Magazine se tornou um fenômeno em vendas quando passou a apresentar em suas páginas artistas, cantores e jogadores de futebol, abrindo portas para a visibilidade homossexual, chegando à tiragem média 150.000 exemplares mensais.

A parada GLBT (Gay, Lésbico, Bissexual e Transgênero), que no ano de 1999 levou mais de 30 mil pessoas às ruas, e continua ano após ano, multiplicando seu público, até a marca histórica de mais de um milhão de pessoas em 2005 e 3,5 milhões em 2007, tornando-se o maior evento GLBT do mundo, patrocinada por vários estabelecimentos e entidades garantindo o suporte financeiro. A Parada tem como principal finalidade lembrar a sociedade tinha sido difícil chegar até ali, e principalmente, com isso tentar criar uma sociedade mais democrática, onde os direitos dos homossexuais sejam respeitados.

A Música Popular Brasileira com a insegurança em relação à sexualidade aflora-se aos poucos nas décadas de 1980 e 1990 com uma geração de artistas mais alerta para o significado pessoal de sua homossexualidade. Essa nova geração de cantores e compositores foi amadurecendo até integrar com naturalidade esse aspecto de sua vida pessoal, como outros que manifestaram publicamente, sem receio, seus amores e desejos heterossexuais. Com o exemplo de Ney Matogrosso, a grande matriz para uma geração de ambíguos. Ney teve que enfrentar muitas agressões e insultos por onde passou. Contudo, o amor e o estímulo que homens e mulheres lhe devotavam por toda parte foram o bastante para confortá-lo, e principalmente para estimulá-lo a prosseguir. O próprio Ney confessa: *“Quanto mais louco eu ficar, mais loucura eles querem. A platéia não só me permite como até exige de mim todas as audácias”*. Tresivan compara a importância de Ney em relação à mudança de comportamento no Brasil só com a força da Televisão quando impõe a moda na sociedade.

Outro exemplo foi o cantor Cazuza, que deu voz a uma geração inteira, na conquista de sua sexualidade, distin-guindo-se por sua beleza ao mesmo tempo atrevida e desamparada, primeiro cantor do grupo Barão Vermelho, que depois seguiu carreira solo. Na mistura de sua poesia com sua destruição com excessos no uso de drogas e álcool, falecendo em 1990 com um longo processo de exposição pública da sua infecção pelo vírus da AIDS. Cássia Eller, uma cantora que transgrediu os gêneros com muito talento, tendo abertamente sua homossexualidade para seu público. Renato Russo foi notável como cantor e compositor, frente à banda Legião Urbana, tendo uma trajetória muito particular, em relação a sua homossexualidade escancarando em 1988 sua paixão por outro homem. O cantor Edson Cordeiro, outro homossexual da Música Popular Brasileira confessa que após sair em revistas homossexuais na Alemanha, sentiu-se desonesto com Brasil.

CONCLUSÃO

Para Hocquenghem (1980), a vitória do homossexualismo não está em todo o mundo tornar-se homossexual, mas na confluência de fenômenos nos quais o próprio homossexualismo se dissipa, ou pelo menos, de representações de tais fenômenos, onde se pode admitir que os verdadeiros fatos do amor permanecem desconhecidos para nós. A heterossexualidade não se tornou minoria, ela apenas com maior habilidade, torna-se problemática, empregada de homossexualidade cada vez mais consciente. É evidente que a modernidade sexual terá sido apenas um sonho ou um projeto fracassado da sociedade, pois as diferentes substâncias sexuais, naquilo em que elas participam do sexo, são os últimos absolutos em que as pessoas acreditam.

Se para a sociedade, ser homossexual é reinventar sua sexualidade, seus princípios, é ser o melhor amigo das mulheres, gritar para chamar um táxi, não se importar com o sofrimento das pessoas, com a rejeição, com o isolamento, não tolerar a omissão e a inveja, ser generoso com as perdas, não economizar elogios, colecionar sapatos, ser educado, ser espontâneo, senti-se vivo e não reprimir-se na hora de escrever o que sente. Não existiria o “não-ser”, tendo espaço apenas para o “ser”, pois fazer ouvir amplamente sua

própria voz não é tão simples numa sociedade onde o capitalismo e o preconceito ainda prevalecem. Claro que este fato não é motivo para os homossexuais desanimarem ou desempenharem um papel de sofrendores ou de vítimas. Não há a essa necessidade, pois consentimento e consciência andam juntos, desde que o homossexual queria transformar sua vida em algo que valha a pena, favorecendo-se, ampliando-se e libertando-se dos condicionamentos que o prendem. Ser homossexual não é sentir-se incomodado, pelo contrário, é sentir-se uma referência. Só pelo fato de “ser” homossexual, o indivíduo não deve diminuir-se ou constranger-se com palavras que foram ditas, mas como um militante, lutar por seus direitos, porém, exercendo seus deveres como cidadão. Para isso é preciso saber viver, principalmente, aprendendo a dimensionar sua vida em toda sua complexidade.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A Vontade do Saber, em História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1985, Vol. I.

_____. **O Uso dos Prazeres, em História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1985, vol. II.

_____. **O Cuidado de Si, em História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: graal, 1985, vol. III.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 5ª ed. Universidade de Brasília, 1973, p.113.

FRY, Peter. MACRAE, Eduard. **O Que é Homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HOCQUENGHEM, Guy. **A Contestação Homossexual**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PORTINARI, Denise. **O Discurso da homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.